

José Agostinho Baptista, *le sentiment de soi*¹

PAULO FIGUEIRA

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa e Centro de Estudos Comparatistas

Resumo:

A poesia de José Agostinho Baptista, nas últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI, proporciona ao leitor a descoberta de uma nova casa, formada, sobretudo, por imagens de um exílio que procura ser habitado pela memória da casa original. Dentro de um tempo pós-modernista, com traços fortes do individualismo intrínseco à geografia do exílio, o sujeito poético vive na reimaginação da ilha original, em pleno exílio. Numa poética com fortes laivos autobiográficos, o Eu exibe um conjunto de marcas narrativas que apresentam um antigo lugar sob a máscara de uma nova terra, constantemente habitada e desabitada pelo sujeito da enunciação. O espaço da memória como habitação, além de reforçar a pessoalidade no discurso do sujeito poético, apresenta ao leitor uma espécie de paz com o próprio ser

Palavras-chave: Narratividade; Exílio; Madeira; México; Memória.

Abstract:

José Agostinho Baptista's poetry, in the last decades of the 20th century and the first decade of the 21st century, provides the reader with the discovery of a new place, formed mainly by images of an exile that seeks to be inhabited by the memory of the original space. Within a postmodernist time, with strong traits of individualism intrinsic to the geography of exile, the subject lives in the reimagination of the original island, in full exile. In a poetics with strong autobiographical features, the subject shows a set of narrative traits that present an old place under the mask of a new land, constantly inhabited and uninhabited by the subject of the enunciation. The space of memory as housing, in addition to reinforcing the personality in the speech of the poetic subject, gives the reader with a kind of peace with his own being.

Keywords: Narrativity; Exile; Madeira; Mexico; Memory.

¹ Para o título deste artigo, recorremos à expressão *le sentiment de soi*, usada por Gilles Lipovetsky, em *L'empire de l'éphémère, la mode et son destin dans les sociétés modernes* (1987). O filósofo francês reforça a recuperação da personalização-pessoalidade por parte do indivíduo no tempo finissecular, matéria que entendemos substanciar, em parte, a poética de José Agostinho Baptista. Em termos poéticos, trata-se de uma pessoalidade que se ergue como um cosmos – chamemos uma autobiografia dissimulada – com marcas de individualismo dentro da subjetividade, ou seja, o sujeito, a sua experimentação do mundo são a matéria poética que sobreleva o “sentimento de si”, como um individualismo que precisa de se escrever. Para a realização deste trabalho, orientamo-nos pela análise dos textos de *O Último Romântico* (UR) e a *Autoretrato* (AR), editados na década de 1980. Mantivemos a grafia *Autoretrato*, como aparece na edição de 1986. Referimo-nos, pontualmente, a *Canções da Terra Distante* (CTD) e a *Paixão e Cinzas* (PC).

Uma poética finissecular

Com o propósito de abordar a poesia de José Agostinho Baptista², de acordo com a ideia da construção da casa, como espaço habitado/desabitado, analisámos, na bibliografia do poeta, dois exemplos que caracterizam a sua poesia como um espaço habitável pelo sujeito poético: *O Último Romântico* e *Autoretrato*. A partir da reflexão sobre a condição do individualismo do sujeito poético como a matéria poética da sua escrita, em que esse mesmo individualismo se transforma no corpo autobiográfico do texto e, assim, na sua casa, propomo-nos abordar a poesia de José Agostinho Baptista como uma interpretação da subjetividade finissecular, perto de Gilles Lipovetsky e o denominado *homo psychologicus*:

D'un côté, la scène publique et les conduites individuelles ne cessent de se pacifier par auto-absorption narcissique; de l'autre, l'espace privé se psychologise, perd ses amarres conventionnelles et devient une dépendance narcissique où chacun ne trouve plus que ce qu'il "désire": le narcissisme ne signifie pas la forclusion d'autrui, il désigne la transcription progressive des réalités individuelles et sociales dans le code de la subjectivité (LIPOVETSKY, 1993: 102).

Na sua análise da pós-modernidade, o filósofo francês escolhe o mito grego de Narciso para expressar o modelo heróico do homem pós-moderno, abrindo de forma consciente, ou não, o caminho para o pós-modernismo. Outro ponto de vista, é a necessidade de busca do Eu e da identidade através da pessoalidade, que levam José Agostinho Baptista a afirmar: "Não há mistério algum em relação a isso, nem há segredos. Penso que a minha escrita foi sempre autobiográfica" (VIEGAS, 1999: 48). Assim, estas palavras reportam-nos à revelação íntima do sujeito poético através do verso, como exemplificam *O Último Romântico* e *Autoretrato*:

à l'érosion des rôles sociaux, commence le règne de la personnalité, la culture psychomorphique et l'obsession moderne du Moi dans son désir de révéler son être vrai ou authentique. Le narcissisme ne désigne pas seulement la passion de la connaissance de soi mais aussi la passion de la révélation intime du Moi comme en témoignent l'inflation actuelle des biographies et autobiographies ou de la psychologisation du langage poétique (LIPOVETSKY, 1993: 91-92).

² José Agostinho Baptista (Funchal, 1948) faz parte de uma geração poética de fim de século, alimentada pelos sonhos de abril. Como escritor, publica numa editora consagrada, a Assírio & Alvim, e figura em antologias de poetas portugueses. Alguns dos seus livros estão traduzidos para francês e espanhol (castelhano). Distingue-se, igualmente, na tradução de autores anglo-saxónicos e hispânicos. Como reconhecimento, foi galardoado com o Prémio P.E.N. Clube Português de Poesia (*Anjos Caídos*, 2003) e com o Grande Prémio de Poesia APE/CTT (*Esta voz é quase vento*, 2004). Veio cedo para Lisboa, onde trabalhou como jornalista e colaborou com a imprensa.

Lipovetsky reflete sobre estas transformações na área da sociologia e da filosofia. No entanto, tendo em conta que o conhecimento não se situa em compartimentos estanques, cremos que podemos aplicá-las à literatura, porque o esbatimento das barreiras sociais e o vazio ideológico deram lugar a um lirismo figurativo³, na medida em que o sujeito, na busca consentânea da sua autorrevelação, figura como o agente principal da escrita:

no último quartel do século XX, o lirismo tende a configurar mais nitidamente o sujeito, e a presença da subjectividade surge não apenas enquanto rasto de um processo enunciativo entretanto tornado inacessível ao leitor, mas enquanto presença de um sujeito de enunciação susceptível de ser entendido (MARTELO, 2004: 245).

O sujeito poético readquire as tonalidades de habitante do texto, passando a construção lírica a decorrer das suas presença, autorrevelação e intenção. Desta forma, o Eu de José Agostinho Baptista encontrará no leitor um decifrador igualmente enunciativo: “Ora a componente de ficcionalização do sujeito [...], associada à exploração de uma certa narratividade, parece reflectir-se numa espécie de paraficções identitárias, incorporando todas estas dimensões” (MARTELO, 2004: 250)⁴.

A paraficção, que resulta da subjectividade e de marcas da narratividade, permite o aparecimento de uma voz narrativa no género poético, em que a intenção narrativa ou a presença do contador de histórias resulta no deambular pela (re)descoberta da individualidade. O sujeito poético realiza-se com o “recolhimento nas fronteiras de uma experiência do mundo assumidamente filtrada pela subjectividade” (MARTELO, 2004: 258).

Na senda desta ideia, na poética de José Agostinho Baptista, os estilhaços do sujeito caminham para uma dissimulada biografia romântica de reconstrução⁵, o que nos parece uma manifesta autobiografia semi-ausente e alimentada pelo vivencialismo do Eu: “it is the figure of prosopopeia, the fiction of an apostrophe to an absent, deceased, or voiceless entity, which posits the possibility of the latter’s reply and confers upon it the power of speech” (DE MAN, 1984: 76).

³ O tema do lirismo figurativo ressalva a existência da tematização das flutuações identitárias: “a dissolução e a flutuação identitárias tornaram-se um tópico tão comum e recorrente que tematizá-las de modo figurativo talvez seja mesmo uma forma de tentar resistir-lhes, embora reconhecendo-lhes a existência” (MARTELO, 2004: 226).

⁴ A paraficção poderá aliar-se ao critério da ironia se, nesta perspetiva, desenvolvermos a apropriação como veículo da legitimidade perdida pelas grandes narrativas legitimadoras.

⁵ De acordo com Paul de Man, a autobiografia surgirá ao leitor de modo explícito ou implícito, não deixando, contudo, de ter uma grande carga ficcional: “But are we so certain that autobiography depends on reference, as a photograph depends on its subject or a (realistic) picture on its model?” (DE MAN, 1984: 69).

O Eu retorna, no seu *de-facement*⁶, à rota da escrita, que se constitui como o cerne do próprio Eu. O texto poderá representar a prosopopeia de um sujeito que se complementa pela metáfora da escrita, que, por sua vez, passa a ser a ideia original da metáfora. Nesta nova sensibilidade poética, importa ressaltar a relação do autor com a edificação de escolhas pessoais, um cânone de precursores⁷: “En el vocabulario crítico, la palabra precursor es indispensable, pero habría que tratar de purificarla de toda connotación de polémica o rivalidad. El hecho es que cada escritor crea sus precursores” (BORGES, 1989: 88-90). O reconhecimento de vozes plurais em textos plurais (inclusive do próprio autor no conjunto da sua obra) é, por um lado, um elo de pertença intertextual e de permutação intemporal rumo à cadeia da eternidade. Por outro lado, o texto final desempenha a função de sobrelevar o seu precursor, numa viagem iniciática, que o transportará até a uma confusa arqueologia literária: “Não sei se [alguém] se eterniza[, através da literatura]. Não tenho essa visão da literatura. [...]. A literatura é sempre para os outros. Mas mesmo o leitor é um animal estranho, não consigo saber quem é, como é e onde está” (VIEGAS, 1999: 49).

Dando relevo ao espaço da subjetividade, Manuel Frias Martins entende que ganhará novos contornos, em função de um retraimento profundo da relação do sujeito criador com o mundo que o rodeia: “um exílio deliberado do sujeito, ou de um querer nada que não seja representação/exercício de uma ausência” (MARTINS, 1986: 145). O Eu repercute-se num individualismo intrínseco à geografia do exílio. Num discurso de saudosismo e de nostalgia da terra amada, o sujeito poético exilado revive a terra num redemoinho de segredos de um *locus amoenus*. A poesia de José Agostinho Baptista edifica-se, assim, como uma casa, um espaço de uma continuidade perdida, cuja habitabilidade existe na dimensão paralela de um passado, que, pela memória, ganha vida. A casa nunca deixou de existir, transformada em palavras e imagens descobertas sempre no tempo da escrita: “La maison est un corps d’images qui donnent à l’homme des raisons ou des illusions de stabilité. Sans cesse on réimagine sa réalité: distinguer toutes ces images serait dire de l’âme de la maison; ce serait développer une véritable psychologie de la maison” (BACHELARD, 1957: 34).

⁶ Por parecer não existir uma palavra portuguesa que possa traduzir e interpretar *de-facement*, preferimos manter o termo inglês.

⁷ No cânone de precursores, confluem nomes como Walt Whitman, William Butler Yeats, Tennessee Williams, Rabindranath Tagore ou Malcolm Lowry.

A narratividade ou o contador de histórias

O imaginário, que se constitui como memórias, necessita de um suporte narrativo para o desabrochar das suas histórias. As marcas de narratividade evidenciam uma posição do sujeito poético em relação ao leitor. Por consequência, o Eu parece assumir a função do narrador, dando lugar à figura do contador de histórias:

Torna-se cada vez mais evidente e necessária a função do **contador de histórias** que a presença da **narratividade na poesia** desempenha e assume, sobretudo a partir dos anos oitenta, não sendo por acaso que o seu ressurgimento coincide com a expansão da globalização (SEIXAS, 2003: 162)⁸

Cremos que esta abordagem discursiva retorna à ideia lipovetskiana do *homo psychologicus* ao tornar evidente que o plano narrativo ajuda a uma maior referencialidade do Eu. A lógica da redescoberta assenta na exposição do íntimo, o que se complementa com o encadeamento narrativo no discurso poético. A temática do passado pessoal metamorfoseia-se em “pequenas ilhas da imagética” (BARRENTO, 1996: 69) e concluem o Eu primitivo redescoberto. Para o Eu de Agostinho Baptista, torna-se explícito o carácter autobiográfico do Narciso de Lipovetsky, em que os primeiros versos de *Autoretrato* se organizam como uma arte poética e um caminho possível para o labirinto da memória:

Sê quem me lê,
decifrador de enigmas.

Folheia-me como a uma árvore de folhas soltas,
se é outono.

todas as palavras mentem, no interior da sua
obscuridade.
nada te prende ao verso,

aos seus ínvios caminhos,
às suas seduções de velha prostituta. (AR, 1986: 9)

No excerto de *Autoretrato*, a exemplo do aedo, o narrador convoca a memória, a “velha prostituta”. A memória é o fio da escrita, mas é, de igual modo, a traição do narrador. É por ela que ele vive e por ela que ele morre e que se apropria das traições da imaginação. O paralelismo com a epopeia fundamenta, de certo modo, a opção narrativa do texto com o encaixe de pequenas histórias de cariz autobiográfico.

⁸ Sublinhado do autor.

À evocação da prostituta, somar-se-á a direção de um diálogo entre um Eu e um Tu. O Eu explorará a temeridade da palavra, “No intervalo das fontes,/ nas imediações do rio, temível é a palavra, a/cólera de deus” (AR, 1986: 9), e a memória é convocada pelo estremecimento da palavra, a “cólera de deus”, que provoca sofrimento no sujeito, porque a palavra comporta o elo de ligação com o mundo dos significantes, cuja existência se faz pela memória humana: “Estremecem os pincéis ao retocar a boca, os beijos,/ ao trazer um mar distante,/ algas,/ salgadas pedras da melancolia –” (AR, 1986: 11).

Ao macro quadro iniciático, junta-se a “melancolia” (AR, 1986: 11), que se converte pela lassidão das palavras decifradoras de labirintos⁹: “Somos assim:/ mapa de obscurecidas vias, artérias que o sangue corre,/ labirinto de sinos,/ surdos alarmes” (AR, 1986: 31). O sujeito demarca-se e divaga, autodenominando-se “estrangeiro” (AR, 1986: 92). Revela a memória de uma peregrinação, cujo final se desapegou do início e se inscreveu no não retorno. O Eu de José Agostinho Baptista caracteriza-se, ciclicamente, pelas diversas máscaras do estrangeiro. Narciso recupera-se como estrangeiro, com a consciência de não ser estilhaços, mas de ser vários estádios do cronótopo da vida, como é exemplo a personalidade narcísica revelada na máscara de um cão: “Havia um cão que caminhava./ Um cão sem nome, às vezes deitado.// Tão meus eram os seus olhos de cão deitado e às vezes/ corria” (AR, 1986: 15). A partir da insurreição do cão, as palavras transformam-se em (auto)biografia e não em autofagia, porque existe um fio condutor da memória, reconhecido de “biografia”: “revolve as páginas onde se inscreve uma biografia, as/ vagas folhas do tempo” (AR, 1986: 28).

Em relação à técnica do encavalgamento, o corte propositado do verso desagua na tematização de pequenas partículas biográficas que visualmente despertam no leitor uma legitimação constituinte da retórica do Eu e respetiva recuperação ontológica: “Eu vou assim pelo lado dos caminhos, **regresso/ às casas,**/ aos beirais onde tudo morre” (AR, 1986: 42)¹⁰.

Os verbos no imperfeito e no gerúndio também marcam esse passado revisitado e figuram no contador de histórias: “Refulgiam”, “ondulando”, “ouvia”, “corria” (UR, 1981: 108). Aos tempos verbais, juntam-se as marcas temporais de introdução narrativa, que

⁹ O tom melancólico favorece a narratividade com que o poeta se expressa num longo canto nostálgico: “Há na poesia de José Agostinho Baptista uma tristeza e uma serenidade que se espriam na demorada leveza dos versos, que não conhecem nem a violência do grito nem o tumulto da paixão. E, todavia, este canto é um canto apaixonado, um longo lamento que dir-se-ia muitas vezes encantado na sua própria dolência, mas um lamento sempre límpido nas linhas leves de um desenho em que as coisas e as palavras como que flutuam vagarosas, cálidas, tristemente deslumbradas” (ROSA, 1989: 163). A epígrafe de *Canções da Terra Distante* (1994) resume, para nós, a condição do sujeito finissecular: “Tempo e Lugar/já tudo se afasta”.

¹⁰ Sublinhado nosso.

confirmam a existência de narratividade no corpus de José Agostinho Baptista: “Ano a ano desencanta-se a casa nos alicerces do trigo” (AR, 1986: 57)¹¹.

A poesia com que é fabricada a memória vive destes pequenos excertos textuais, que demonstram ao leitor o passado enquanto centro do Eu, pelos verbos e pelas estruturas de suporte. Em José Agostinho Baptista, importa ressaltar que a tendência narrativa finisse secular se faz pelo campo da narratividade na poesia, afastando-se do poema narrativo tradicional, de acordo com Ana Margarida Falcão Seixas:

Entre **poesia explicitamente narrativa** (na qual a narratividade se identifica com procedimentos narratológicos do modo narrativo) e **mera presença da narratividade na poesia** (que utiliza os procedimentos referidos mas de modo coadjuvante com uma retórica tradicional do modo lírico) existe uma gradação de descontinuidade ou de fragmentaridade em relação ao poema narrativo tradicional que não pode ser mensurável. (SEIXAS, 2003: 305)¹²

A narratividade exerce a função poética de construir o corpo do texto, como se de um contar de histórias se tratasse. O contexto de narratividade, depreendemos, é assumido em função do Eu, como se se tornasse um texto fundador de uma forma de comunicar a subjetividade, como se verifica nos seguintes versos de Auto-retrato: “A pulso subimos as orquídeas” (AR, 1986: 77), “Adormecemos, às vezes, encostados às corolas” (AR, 1986: 77), “Sobressalta-se o pólen nos céus de cada haste” (AR, 1986: 77), “É uma história de repentinos parágrafos” (AR, 1986: 77).

O sujeito perdeu a sua faceta adulta e sente a necessidade de se retecer num Eu auto-entendido como uma forma de comunicação para o exterior e de uma reconstituição poética narrativa. A sua alma (a poesia) necessita de remendos estruturais (a narrativa): “as orquídeas, era alguém que morria às portas de uma flor” (AR, 1986: 78). O fio narrativo não está perdido e depende do leitor a continuação da fábula pela imaginação do labirinto e do fio, porque “Nuestro hermoso deber es imaginar que hay un laberinto y un hilo” (BORGES, 1989: 482).

A geografia habitada/desabitada

Na poética de José Agostinho Baptista, o exílio criará os pontos de (re)constituição do espaço da origem, o que poderá interpretar a desterritorialização pós-modernista. A necessidade torna-se premente porque o sujeito poético vive um espaço pelo avesso, na consolidação da dor, do sofrimento e da revisitação, representado pela ausência de uma

¹¹ Sublinhado nosso.

¹² Sublinhado da autora.

geografia corporal com necessidade de ser audível. Para José Agostinho Baptista, o exílio transforma-se numa terra de adoção, com características da terra original. A geografia funciona como máscara da ausência, na medida em que a referencialidade torna a geografia de partida e a de chegada irmãs, assumidas num plano de igualdade.

O exílio ficcionado, a saudade e a (re)descoberta da personalidade na individualidade tolem o caminho da(s) memória(s). O corpo geográfico ausente toma lugar na mistificação do sujeito poético como espaço habitável, ocupando o território uma relação de presença por excesso ou por falta: “Eu sou muito suspeito, na medida em que essa Madeira antiga, mágica, faz parte de mim como se fosse o meu corpo todo. [...]. O que encontrei lá foram sinais, alguns de uma tal obscuridade que ainda me espantam” (VIEGAS, 1999: 45).

O lugar antropológico exilado sustenta a suspeição da antropologia da palavra¹³, acabando por desaguar numa estranha relação de não pertença: “Ainda hoje [Lisboa] é uma terra de exílio. Estamos aqui nesta bela casa e eu queria ser capaz de sentir o prazer desta luz total” (VIEGAS, 1999: 45). Mas a escrita pós-moderna ofereceu ao Eu o lugar da sua autoidentificação e identidade. O real factio-ficcional ata a realidade do lugar e do não-lugar, numa dimensão de reconhecimento. Por isso, o exílio do sujeito, em José Agostinho Baptista, transpira o arrebatamento do lugar real factual para a dimensão sofredora da reimaginação, uma casa simultaneamente habitável e não habitável:

El lugar y el no lugar son más bien polaridades falsas: el primero no queda nunca completamente borrado y el segundo no se cumple nunca totalmente: son palimpsestos donde se reinscribe sin cesar el juego intrincado de la identidad y de la relación” (AUGÉ, 2005: 84).

Na poética pós-modernista o lugar dará corpo às infinitudes da escrita do Eu, augurando-lhe a realização semântica de uma árvore em pleno florescimento, o que reflete, em José Agostinho Baptista, a necessidade da nomeação, explícita ou implícita: “Foram abismos, forças, mecanismos que nunca consegui decifrar e penso que normalmente não se consegue decifrar” (VIEGAS, 1999: 45). O “nunca” acentua a natureza de busca que se torna a escrita, o palimpsesto da polissemia da própria vivência, num jogo de espelhos em que se cria a comunicação entre os diversos estágios do cânone.

A ilha sofre variações longitudinais. A terra do exílio empresta um caráter de paraficção à poética de José Agostinho Baptista, na medida em que o novo território é um

¹³ O exílio do lugar antropológico é o que nos permite, enquanto leitores, a revelação da antropologia da escrita. Pela escrita, a antropologia do lugar oferece a geografia do exílio.

dos fios da narrativa. O México é a terra da redenção do Eu, cuja memória elabora uma narrativa paralela à Madeira, pela geografia, tradições, flora e fauna.

Em *Autoretrato*, o Eu volta-se para uma nova fronteira, numa última página de introspeção. O México é invocado diretamente e, nas entrelinhas, existe a ilha primordial sob a irónica máscara do solo estrangeiro, como processo reflexivo. O Eu “estrangeiro”, na profundidade da sua “ilha de mágoa”, nomeia uma nova terra através de referentes específicos dessa cultura: “Cielito Lindo”; as cantinas; ou, a tequila.

Se concebermos o lugar como categoria configuradora do mundo do sujeito poético, concluiremos que a dimensão espacial se esvai de uma pequena ilha para pequenas ilhas num grande território. Mas as referências desse México não deixam de ser concebidas de acordo com o exotismo de um primeiro mundo: a Madeira, cuja principal porta de saída está virada para o mar, o grande mar do sul perante o qual o sujeito se vê como “irmão das horas do mar” (UR, 1981: 102).

O amor desloca-se para a ilha e para o recordar da adolescência: a “primeira ilha” (AR, 1986: 93) e a “primeira orquídea” (AR, 1986: 96), intensificando o seu halo mítico e arcádico. As duas expressões podem ser confrontadas com a “morte última” (UR, 1981: 36) – o mesmo que a morte violenta da primeira ilha e da primeira orquídea –, substanciadas pelo verso “Era uma ilha” (UR, 1981: 79) e a sua forma verbal no pretérito imperfeito do indicativo. Esta ilha transformar-se-á com os punhais da escrita n’“Uma ilha de mágoa” (UR, 1981: 19). A mágoa do sujeito poético, que evoca diversos episódios amorosos marcantes, atinge o seu clímax transfigurador com a alusão a Mayael¹⁴, porque o Eu se revitaliza ao cantar o telurismo da terra mexicana.

Após esta catábese, o sujeito retoma o rumo da memória em busca da “raiz salgada” (UR, 1981: 82) da Madeira do passado – o seu ponto de ancoragem – porque é o espaço estruturador que lhe permite sondar a sua alma poética, é a “ilha do mundo por dentro da vida” (UR, 1981: 80). O imaginário da ilha assume o destino órfico da perda física de Eurídice ou do resgate de Perséfone¹⁵.

A deambulação pelas diversas rotas de um interior fragmentado passa também pela Atlântida (AR, 1986: 80) e o amor pelas ilhas, na lápide de um último porto de partida:

¹⁴ A vivência geográfica do México contempla a antiga deusa asteca do amor, deusa do maguey e do agave, por extensão, a flor do agave, a matéria-prima da tequila e do maguey. Mayael (UR, 1981: 77) é o elemento feminino que representa a fertilidade da terra mexicana e a capacidade de redenção que a terra original rememora no imaginário do Eu.

¹⁵ Na nossa interpretação, a mitologia mexicana parece compreender uma reinterpretação da mitologia clássica. Ou seja, a subjetividade aliada ao individualismo do sujeito aguça a busca de uma nova mitologia, mas que preenche os requisitos de uma memória passada. A mitologia mexicana é, também, uma máscara para a memória da terra de origem.

“Aqui me sento./ Aqui morreria – tanta mágoa concederam os deuses a/ quem amou as ilhas” (AR, 1986: 80). A ilha, jamais esquecida, é um constante recurso reimaginado e a sinestesia com que a palavra poética do Eu resgata e revitaliza as imagens, “o farol dos promontórios” (AR, 1986: 47), “essa pérola no centro do mar” (AR, 1986: 90). Na evocação metafórica das suas levadas, “indolentes mãos de água” (UR, 1981: 80), a ilha irrompe como nascente redinamizadora da subjetividade do Eu, um rio imerso na nostalgia de uma ausência, lamento e canto de mar, cujos poemas ligam os vestígios diversos do passado, fluindo, assim, a terra cifrada dos afetos.

Para recompor o rosto da sua ilha interior, o Eu atravessa o exotismo das Américas (AR, 1986: 97), como um novo espaço referencial para um Eu que se expande, como um rizoma, em pleno rio Atlântico¹⁶. O oceano transforma a Madeira e o México em espaços de afinidades, com diferentes elos, em que operam simbioses de máscaras geográficas.

Em José Agostinho Baptista, o exílio da ilha cria, por vezes, uma expressão ekphrástica da memória, uma vez que o Eu enuncia uma visão descritiva, que consegue repercutir-se no leitor, parecendo o relato de uma pintura ou de um retrato e que se poderá associar à narratividade na poesia, pois a descrição empolga o discurso no sentido das técnicas ficcionais da narrativa:

Com isso se sentam agora às lareiras.
Sândalo, mirra, coisas respirando.
São estas as casas antigas:
algures florescem os lírios, as mulheres que esquecem à
beira de um rio,
as iniciais de um lenço que bordaram, vertigem de
lágrimas e luz. (AR, 1986: 74)

Assim, o lugar originário, encarnado, almejado, suspirado e idealizado pelo Eu, ganha uma nova conceção valorativa, ou seja, pela memória ekphrástica, as particularidades do lugar são realçadas no espaço do Eu como um novo cosmos, que encarna sentimentos, estados de alma, visões e, sobretudo, o mundo, tal como ele é sentido de todas as formas e emoções de fim de século, sentido pelo ilhéu, que representa

¹⁶ O Atlântico liga a terra memoriada à de receção: “Être rhizomorphe, c’est produire des tiges et filaments qui ont l’air de racines, ou mieux encore se connectent avec elles en pénétrant dans le tronc, quitte à les faire servir à de nouveaux usages. Nous sommes fatigués de l’arbre. Nous ne devons plus croire aux arbres, aux racines ni aux radicules, nous en avons trop souffert. Toute la culture arborescente est fondée sur eux, de la biologie à la linguistique. Au contraire, rien n’est beau, rien n’est amoureux, rien n’est politique, sauf les tiges souterraines et les racines aériennes, l’adventice et le rhizome. Amsterdam, ville pas du tout enracinée, ville-rhizome avec les canaux-tiges, où l’utilité se connecte à la plus grande folie, dans son rapport avec une machine de guerre commerciale” (DELEUZE e GUATTARI, 1980: 23-24)

cada sujeito. Cremos que o poeta alcança uma identificação coletiva abstraída no íntimo da sua individualidade.

Na aventura das fronteiras perdidas, surge-nos uma panóplia de construções imagéticas relacionadas com o sul e respetiva disposição da ilha perante o mundo. Sendo a costa meridional da Madeira o local de saída e de entrada, temos um corte com o espaço pátrio voltado a norte e uma abertura para o imaginário dos grandes blocos espaciais:

Desvendai-me os enigmas da águia e da serpente.
Desvendai a luz que se despenha e tudo queima,
e eu escreverei –
eis a vaga nuvem,
o vento na palmeira,
nas enamoradas blusas abertas para o verão. (AR, 1986: 97)

Por fim, o elemento desse novo mundo revela-se nos enigmas da águia e da serpente, desvendados, posteriormente, por dois versos de *Paixão e Cinzas*: “O abismo começa em ti e em ti encerra o enigma –/ és a águia e és a serpente” (PC, 1992: 44).

No episódio, evidencia-se a alusão ao mito fundador da civilização asteca, o combate entre a águia e a serpente. A irrupção do México asteca propicia uma leitura do enigma do sujeito enunciador que se concebe como a fusão de forças cosmológicas: a águia encarna o sol e a serpente o ciclo da noite. Os versos traduzem o trabalho de sondagem do Eu, que, no seu novo espaço, se perpetua como enigma, construindo, assim, a viagem pela palavra como a divagação constante das profundezas do ser.

A rota geográfica mexicana do sujeito poético, em *Autoretrato* e *O Último Romântico*, reflete um dos lugares comuns da poesia de José Agostinho Baptista. Há uma alquimia entre o Eu e a Madeira, em que esta funciona como a medida do corpo vertical das palavras. A ilha é a memória de uma existência repercutida pelo presente e é a expressividade linguística que acalenta referencialmente o Eu: “A Madeira continua lá, mas quase como um fantasma que ainda me perturba muito. Talvez o México tenha surgido por essa necessidade...” (VIEGAS, 1999: 42-44).

Compreende-se, deste modo, o percurso autobiográfico do Eu, perturbado pela ausência da sua ilha, que completa a idiossincrasia do Eu e o percurso de uma ausência pela partilha do ausente, que se expressa na figura de um oxímoro vivencial ficcionado, reativado pela memória telúrica. A recriação da terra dos pais, “criar uma pátria”, expressa essa necessidade psicológica do sujeito poético.

Conclusão

João Barrento assinala que nos períodos de crise aparecem os grandes vultos literários, envolvidos pela melancolia finissecular (BARRENTO, 1996: 87).

Creemos que José Agostinho Baptista se enquadra nesta conceção e vive, pelos murmúrios e pelos segredos o culto de um Novo Romantismo, no sentido telúrico. Mediante a recuperação do arquétipo de um *locus amoenus*, que resulta da conjugação plena do individualismo vivencial do sujeito, cultua-se uma configuração individual do sujeito pós-modernista, baseada na projeção do *homo psychologicus*.

Em concreto, a poética de José Agostinho Baptista caracteriza-se pela manifesta saudade transpirada nas palavras prenes de terra e memórias passadas, porque o poeta procurou no exílio da terra original o *leitmotiv* da sua escrita. Convive com a nostalgia de uma terra impossível de ser reescrita sem as suas palavras e com a angustiante melancolia das ruínas da memória, no seu dilema e insolvência humana: “A minha morte também me angustia um pouco, é verdade, porque fico diante de um muro negro e eu queria ter um sinal qualquer sobre essa escuridão” (VIEGAS, 1999: 44) .

Por isso, surge uma nova terra, a máscara da memória, o México, que é caracterizado pela sua essência mais perene, os seus deuses, as suas tatuagens paralelas, que, no universo simbólico e metafórico do Eu, configuram essa nova terra dos pais, um solo pátrio vasto, onde o Eu espraia o seu imaginário, na perspetiva romântica de vastidão e de recriação da originalidade da ilha primeira.

As fajãs, as ribeiras, as mães, como microuniverso sobrevivente no espaço continental mexicano, comprovam que o recurso ao México é uma tatuagem paralela da ilha iniciática. Com efeito, o leitor estabelece rapidamente uma ligação entre o México e a Madeira de José Agostinho Baptista. O grande espaço continental não é, poeticamente, um lugar do acaso, é a possibilidade de reabitar o imaginário da memória, na demanda de uma âncora de identidade.

Revelada pelas dimensões telúricas da reativação da memória, a poética de José Agostinho Baptista é a inteligibilidade escrita do adeus a um estádio iniciático da ilha, concluído na definição da poética da terra, que metafictiona, também, o sujeito dos poemas como aquele que sonda o âmago da memória, um ente que escreve arduamente à beira do precipício, mas que a escrita se encarrega de perscrutar na estabilidade do silêncio.

Bibliografia

- ARGULLOL, Rafael (1999), *El héroe y el único. El espíritu trágico del romanticismo*, Barcelona: Taurus.
- AUGÉ, Marc (2005), *Los No Lugares - Una Antropología de la Sobremodernidad*, Barcelona: Gedisa.
- BACHELARD, Gaston (1957), *La Poétique de l'espace*, Paris: P.U.F.
- BAPTISTA, José Agostinho (1981), *O Último Romântico*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- BAPTISTA, José Agostinho (1986), *Autoretrato*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- BAPTISTA, José Agostinho (1992), *Paixão e Cinzas*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- BAPTISTA, José Agostinho (1994), *Canções da Terra Distante*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- BARRENTO, João (1996), *A Palavra Transversal: Literatura e Ideias no Século XX*, Lisboa: Cotovia.
- BARTHES, Roland (1993) *Oeuvres Complètes 1942-1965*, vol. I, Paris: Seuil.
- BLOOM, Harold (1991), *A Angústia da Influência: Uma Teoria da Poesia*, Lisboa: Cotovia.
- BORGES, Jorge Luís (1989), *Obras Completas 1952-1972*, vol. II, Buenos Aires: Emecé.
- BUESCU, Helena Carvalhão (2005), *Cristalizações: Fronteiras da Modernidade*, Lisboa: Relógio d'Água.
- COMPAGNON, Antoine (1990), *Les cinq paradoxes de la modernité*, Paris: Seuil.
- CRUZ GARCÍA, Álvaro (2006), *Los Aztecas*, Madrid: EDIMAT LIBROS.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix (1980), *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie 2*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- DE MAN, Paul (1984), *The Rhetoric of Romanticism*, New York: Columbia University Press.
- FOKKEMA, Douwe W. (s.d.), *História Literária: Modernismo e Pós-Modernismo*, Lisboa: Vega.
- FOUCAULT, Michel (1994), *Dits et Écrits 1954-1988*, tome IV, Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, Michel (1997), *O que é um autor?*, Lisboa: Vega.
- GUIMARÃES, Fernando (1992), *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*, Porto: Lello & Irmão Editores.
- LIMA, Maria Antónia (2003), *Emoção Trágica e Impessoalidade na Poesia Moderna*, Lisboa: Universitária.
- LIPOVETSKY, Gilles (1987), *L'empire de l'éphémère. La mode et son destin dans les sociétés modernes*, Paris: Gallimard.
- LIPOVETSKY, Gilles (1993), *L'ère du vide: essais sur l'individualisme contemporain*, Paris: Gallimard.
- LOURENÇO, Eduardo (2004), *Situações de Infinito*, Porto: Campo das Letras.
- LYOTARD, Jean-François (1998), *Moralidades posmodernas*, Madrid: Tecnos.
- MARTELO, Rosa Maria (2004), *Em Parte Incerta: Estudos de Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea*, Porto: Campo das Letras.
- MARTINS, Manuel Frias (1986), *10 Anos de Poesia em Portugal 1974-1984: Leitura de uma Década*, Lisboa: Caminho.
- ROSA, António Ramos (1989), *Incisões Oblíquas*, Lisboa: Caminho.
- SEIXAS, Ana Margarida Falcão (2003), *Os Novos Shâmanes. Um contributo para o Estudo da Narratividade na Poesia Portuguesa mais recente* [dissertação de doutoramento], Funchal: Universidade da Madeira (texto policopiado).
- VARGA, Kibédi (1990), "Le Post-Modernisme", *Littérature*, n° 77, Paris: Larousse, p. 3-22.
- VIEGAS, Francisco José (1999), "Entrevista a José Agostinho Baptista: José Agostinho Baptista, novas confissões do poeta errante", *Ler: Livros & Leitores*, n° 47, Lisboa: Círculo de Leitores p. 38-55.

Paulo Figueira

Mestre em Estudos Interculturais, com a dissertação *Percursos da subjectividade pós-modernista: um contributo para a análise das poéticas de José Agostinho Baptista e Eduardo White*, é doutorando em Ilhas Atlânticas: História, Património e Quadro Jurídico Institucional (Universidade da Madeira). É investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (Grupo 3 – Multiculturalismo e Lusofonia) e do Centro de Estudos Comparatistas.